

Da autora de *Apenas amigos?*

**ABBY JIMENEZ**

# Playlist para um final feliz

*Às vezes a vida é como uma canção de amor*



*Este livro é dedicado a meu marido e meus filhos.  
Obrigada por serem meu final feliz.*

# 1



## SLOAN

🎵 Playlist: In The Mourning | Paramore

– Quer que eu te encontre no cemitério, Sloan?

Kristen estava preocupada comigo.

Fiz que não com a cabeça, olhando para o console central do carro, onde estava o meu celular, no viva-voz.

– Não precisa. Eu vou passar na feira depois – falei, na esperança de que isso a acalmasse.

Parei o carro no sinal vermelho ao lado de uma calçada cheia de lojas antigas e carvalhos resistentes à seca, mas que pareciam estar finalmente cedendo à falta de chuva. Eu estava sendo cozida por aquele sol escaldante. O teto solar tinha quebrado durante o fim de semana da Páscoa, algumas semanas antes, e não mandei consertar, parte da tradição consagrada de não mandar consertar nada naquela porcaria de carro.

– Feira? Você vai cozinhar? – perguntou Kristen, com a voz cheia de esperança.

– Não. Talvez faça uma salada – respondi, e o sinal abriu.

Eu não cozinhava mais. Todos sabiam disso.

Havia muitas coisas que eu não fazia mais.

– Ah. Bom, quer que eu apareça na sua casa mais tarde? – perguntou ela. – Posso levar massa de biscoito e bebidas.

– Não. Eu vou... *Ai, meu Deus!*

Um borrão peludo cor de cobre passou em disparada, e eu pisei no freio

com tudo. Meu celular voou como uma bala até o painel, e minha bolsa virou no banco do passageiro, espalhando absorventes e sachês de creme aromatizado para colocar no café.

– Sloan! O que aconteceu?

Segurei o volante com força, o coração batendo forte.

– Kristen, eu preciso desligar. Eu... eu acho que acabei de matar um cachorro.

Encerrei a chamada, tirei o cinto, desliguei o carro e coloquei a mão trêmula na porta, esperando uma brecha no trânsito para descer.

Por favor, que tenha sido rápido e indolor. *Por favor.*

Uma coisa dessas ia me destruir de vez. Era só o que faltava. O corpo sem vida do animalzinho de estimação de alguém embaixo do pneu daquela porcaria que era meu carro – naquele dia amaldiçoado – faria o pouco de alegria que me restava simplesmente desaparecer.

*Eu odeio a minha vida.*

Senti um nó na garganta. Eu tinha prometido a mim mesma que não ia chorar naquele dia. *Eu tinha prometido...*

*Latidos.*

Uma cabecinha de cachorro com as orelhas caídas surgiu por cima do para-choque, farejando o ar. Eu mal tive tempo de assimilar que o bichinho ainda estava vivo antes que ele pulasse em cima do capô. Ele latiu para mim pelo para-brisa, depois mordeu o limpador e começou a puxá-lo.

– Mas o que...

Inclinei a cabeça para o lado, rindo de leve. Os músculos envolvidos naquele sorriso estavam fracos pelo desuso e, por um instante, um piscar de olhos, esqueci que dia era.

Esqueci que estava indo visitar um túmulo.

Meu celular apitou várias vezes com uma série de mensagens. Provavelmente da Kristen, desesperada.

Era por isso que eu nunca acordava tão cedo. Por causa do caos. Era isso que acontecia em Canoga Park às nove da manhã de sexta-feira? Cachorros correndo desembestados pelas ruas?

Uma buzina soou e uma mão com um dedo médio em riste saiu de um conversível que passava. Meu carro estava parado no meio da rua com um cachorro no capô.

Entre em ação para realizar um resgate no asfalto. Eu não queria que ele saísse correndo e fosse atropelado. Esperei uma nova brecha no trânsito enquanto o cachorro latia para mim pelo vidro, sentado no capô. Eu estava balançando a cabeça para ele quando ele deu um passo para trás, inclinou a cabeça meio que sorrindo, escalou o para-brisa e *mergulhou pelo teto solar*.

O cachorro caiu em cima de mim, uma pancada de pelos e patas voando. O ar foi arrancado dos meus pulmões, e eu soltei um *uf!* quando uma pata escorregou para dentro da minha regata pelo decote, aterrissando e me arranhando da clavícula até o umbigo. De repente, ele estava em cima de mim, com as patas nos meus ombros, lambendo o meu rosto e ganindo como se tivéssemos crescido juntos e eu tivesse acabado de voltar da faculdade.

Eu gritei como se alguém estivesse me comendo viva.

Dominei o cão e o coloquei no banco do passageiro, ofegante e descalada, com baba de cachorro na cara, e, quando meu celular tocou, eu o peguei por reflexo.

– Sloan, você está bem? – perguntou Kristen antes mesmo que eu colocasse o telefone na orelha.

– Um cachorro acabou de entrar pelo meu teto solar!

– O quê?

– Isso que você ouviu. – Limpei o rosto com a barra da regata. – Ele está... está no banco do passageiro.

O cachorro *sorriu* para mim. Ele abriu um sorriso enquanto o rabo balançava de um lado para o outro. Em seguida, baixou a cabeça e emitiu uma espécie de *cacarejo*. Fiquei observando horrorizada quando ele cuspiu uma bola de grama viscosa direto no porta-copos, em cima do meu *latte* intocado.

Eeee uma luz de viatura iluminou o meu retrovisor.

– Só pode ser brincadeira – falei baixinho, olhando do vômito para o cachorro e dele para as luzes no espelho.

Dei uma risadinha. Essa era a minha reação ao estresse. Isso e a pálpebra tremendo. Os dois juntos me faziam parecer doida.

O policial não sabia o que o aguardava.

– Kristen, eu te ligo depois. A polícia mandou encostar – falei, dando risada.

– Como assim?

– É. Pois é. Estou parada no meio da rua e agora a polícia está aqui.

Desliguei o celular, e a viatura acionou uma sirene impaciente atrás de mim. Avancei devagar até parar em um pequeno centro comercial. Olhei para baixo, arrumando a regata e balançando a cabeça, alternando entre resmungar para mim mesma a respeito de donos de cachorro irresponsáveis e rir como uma lunática.

Eu me perguntei se estava bonita o bastante para me livrar de uma multa.

Todas as evidências diziam que *não*.

Em outra época, em outro universo, este rostinho tinha ganhado concursos de beleza. Agora parecia que eu tinha lutado com um guaxinim por uma borda de pizza – e perdido.

Meus braços estavam marcados pelos arranhões do cachorro, e eu estava coberta de pelo laranja suficiente para formar um filhotinho. Meu cabelo loiro estava preso em um coque bagunçado que tinha se soltado quase todo na confusão, e a calça de academia junto com a regata manchada de tinta não iam me ajudar em nada. Meu rosto sem maquiagem estava pálido e cansado.

Fazia dois anos que eu estava cansada.

– Vamos ter que contar apenas com a personalidade – resmunguei para o cachorro. Ele sorriu, com aquela língua para fora, e eu lhe lancei um olhar de reprovação. – Seus pais vão ter que se explicar direitinho.

Abri o vidro e entreguei os documentos ao policial antes que ele pedisse.

– Muito bonito, senhorita... – disse o policial, olhando para os meus dados – Sloan Monroe. É ilegal obstruir o trânsito – completou ele, parecendo entediado.

– Senhor, não foi culpa minha. Esse cachorro disparou pela rua e simplesmente mergulhou pelo meu teto solar.

Dava para ver meu reflexo nos óculos de aviador do policial. Minha pálpebra tremeu e eu a fechei com força, olhando para ele só com um dos olhos. Meu Deus, eu parecia uma doida.

– Eu não nasci ontem, mocinha. Encontre alguma coisa que não exija bloquear o trânsito pro próximo vídeo do seu canal do YouTube e agradeça por estar sendo multada apenas por obstruir o tráfego e não por deixar o animal correr solto por aí.

– Espera. Você acha que ele é *meu*? – perguntei, tirando um pelo comprido da boca. – Eu entendo que nada diz mais *mãe de pet* do que um cachorro mergulhando pelo teto solar do carro, mas eu nunca vi esse carinho na vida.

Em seguida, olhei para o cachorro e comecei a rir. Ele estava com a cabeça no meu colo, em uma atuação digna de Oscar – no papel de meu-cachorro –, me encarando com olhinhos de “Oi, mamãe”.

Eu bufei e caí em uma gargalhada maníaca, levando o dedo à pálpebra que tremia.

*Hoje. Isso vai me acontecer justo hoje.*

O policial ficou me olhando por uns trinta segundos, assimilando toda aquela loucura. Tenho certeza de que o vômito de cachorro no porta-copos não ajudou. Não que prejudicasse muito a aparência geral do meu carro detonado. Fazia dois anos que ele não era lavado. Ainda assim, o policial deve ter visto alguma coisa no meu rosto que inspirou alguma confiança, porque, por um instante, ele entrou na minha.

– Tudo bem. Então eu vou abrir um chamado no Centro de Controle de Zoonoses – disse ele, se virando para o rádio no ombro. – Pra tirarem esse pulguento perigoso das suas mãos.

Fiquei séria na mesma hora, tirando o dedo do olho.

– Não! Você não pode mandá-lo pro abrigo!

A mão dele ficou paralisada no microfone, e ele arqueou uma sobran-celha.

– Porque o cachorro é seu?

– Não, porque ele vai morrer de medo. Você nunca viu aqueles comerciais da Sociedade Protetora dos Animais? Com os cachorrinhos tristes em jaulas? E a música da Sarah McLachlan?

O policial foi rindo até a viatura para preencher a multa.

Quando cheguei em casa com o cachorro, afixei a multa na geladeira com o ímã de chinelo de dedo que Brandon e eu tínhamos comprado em Maui. Tanto a multa quanto o ímã fizeram um nó surgir na minha garganta, mas o cachorro escondeu a cabeça embaixo da minha mão e, de algum jeito, engoli o choro. Eram dez da manhã, O Dia, e até então eu estava cumprindo a promessa de não cair em prantos.

*Parabéns pra mim.*

Liguei para Kristen, que devia estar surtando e reunindo um grupo de

busca por eu não ter atendido as últimas cinco ligações. Ela atendeu no primeiro toque.

– O que foi que aconteceu? Você está bem?

– Eu estou bem, sim. Estou com o cachorro. Ele está na minha casa. Levei uma multa por parar no meio da rua.

– Você está falando sério?

– Infelizmente, sim – falei, cansada.

Ela soltou um *tsc*.

– Você não empinou os peitos, né? Da próxima vez, empine os peitos.

Puxei a regata e revirei os olhos ao ver os arranhões entre os meus seios.

– Acho que prefiro ficar com a multa e o que restou da minha dignidade, muito obrigada.

Peguei uma tigela de plástico azul no armário, enchi com água da torneira e fiquei vendo o cachorro beber como se fizesse dias que não via água. Ele empurrou a tigela pelo chão de ladrilhos da minha cozinha antiquada, espirrando água para todo lado, e eu levei as mãos às têmporas.

*Argh, que dia péssimo.*

Aquilo era agitação demais para mim. Em geral eu nem saía de casa. E era *por isso* que eu não saía de casa. Pessoas e *coisas* demais. Minha vontade era rosnar para o sol e voltar a dormir.

– Vou ligar pro número que está na coleira. Já te ligo de volta.

Desliguei e olhei para a coleira. O código de área era estranho. *Rango, um bom garoto.*

– Bom garoto, é? Isso é discutível. Bom, Rango, vamos ver qual é a desculpa dos seus donos pra te deixarem correr solto no meio dos carros – resmunguei enquanto digitava o número no celular.

A ligação foi direto para a caixa postal, e uma voz grave disse: “Jason. Deixe seu recado.”

Informei meu contato, desliguei e balancei a cabeça para o cão espirrando água pelo chão da cozinha.

– Você também deve estar com fome. Bom, eu não tenho ração, então vamos ter que ir à pet shop.

Talvez eu tivesse um bolo de limão da Starbucks pela metade no carro, mas já devia até estar duro.

Eu não tinha coleira, então improvisei uma com o cinto do roupão preto



da Victoria's Secret que Brandon me deu no Natal antes do acidente. Rango começou a morder o cinto na mesma hora.

*Perfeito.*

Quando chegamos à pet shop, eu o levei até a veterinária da loja para ver se ele tinha microchip. Tinha, mas o número no arquivo era o mesmo da coleira. Não havia nenhum endereço registrado.

Que coisa mais inconveniente. Eu ficava toda hora verificando se o volume do meu celular estava alto.

Nenhuma ligação, nenhuma mensagem.

Eu estava contemplando minhas opções limitadas quando Rango fez xixi no chão do consultório. A cereja do bolo.

A veterinária não pareceu se abalar. Pegou toalhas de papel de um dispenser sem tirar os olhos do prontuário e me entregou. Rango se enfiou embaixo de uma cadeira e ficou com aqueles olhos tristes de filhotinho.

– Ele também comeu grama – falei, me abaixando e jogando as toalhas de papel por cima do xixi. – Acho que está com dor de barriga.

– Pode ser infecção na bexiga. É bom fazer um exame de urina.

Virei da poça de xixi para ela.

– Espera, *eu*? Você quer que *eu* pague por esse exame? Sério? O cachorro nem é meu.

Ela deu de ombros.

– Bom, saiba que, se for infecção, ele não vai conseguir segurar a urina. Amanhã é fim de semana, então a consulta vai ser mais cara se ninguém procurar por ele. Além disso, ele deve estar com dor. Se você não tiver como pagar, pode recorrer à Sociedade Humana. Podem cuidar dele lá.

O abrigo estava fora de cogitação. E a coisa da dor me pegou. Com a sorte que eu tinha, ia acabar, *sim*, tendo que voltar com ele até a veterinária no dia seguinte e pagar o dobro, implorando que fizessem o xixi parar. Coloquei o dedo na pálpebra que tremia.

– Tá. Pode fazer o exame. Talvez o dono me pague de volta.

Meu Deus, eu já estava prevendo o cansaço do dia seguinte.

Meu celular apitou, e eu olhei para a tela, cansada.

**Kristen:** O policial tinha aquele bigode de filme pornô que eles sempre têm?

Plim.

**Kristen:** Você devia ter chorado. Eu sempre me liro das muitas soluçando sem parar. Só pra você saber.

Bufei. Ela estava tentando me arrancar um sorriso. Ela e o marido, Josh, estavam de vigias da Sloan naquele dia. Alerta máximo, código vermelho. Estavam de olho em mim... caso eu surtasse ou desabasse.

Acho que era mesmo uma boa ideia.

Duzentos dólares e uma infecção de bexiga bem cara depois, saímos com nossos antibióticos caninos. Além de pagar a conta da veterinária, comprei uma coleira e um pacote pequeno de ração. Eu precisava de suprimentos suficientes pelo menos até o dia seguinte, caso a situação acabasse se transformando em uma festa do pijama. Também comprei um osso e uma bolinha para mantê-lo ocupado. Eu não queria aquele demônio-da-tasmânia destruindo a minha casa.

Eu não sabia qual era a raça dele. Esqueci de perguntar à veterinária. Parecia uma espécie de *golden retriever* pequeno. Eu não ficaria surpresa se acabasse descobrindo que ele tinha DNA de texugo. Ele era meio selvagem. Que tipo de cachorro mergulha pelo teto solar de um carro?

Qualquer que fosse a raça, não era com isso que eu devia estar me ocupando naquele dia.

Eu devia estar com Brandon.

Colocando uma garrafa de bourbon Woodford Reserve na lápide dele. Sentada em um cobertor na grama ao lado do seu túmulo, dizendo o quanto eu sentia saudade dele, o quanto o mundo era pior porque ele não estava mais aqui, o quanto eu me sentia vazia por dentro e que não estava melhorando com o passar do tempo, como as pessoas diziam que aconteceria.

O dia 8 de abril marcava o aniversário de dois anos do acidente. Não da morte – ele sobreviveu por um mês antes de sucumbir aos ferimentos –, mas da batida. O dia em que a vida dele acabou de verdade. Em que a *minha* vida acabou. Ele nunca mais acordou. Sendo assim, o dia 8 de abril nunca mais seria um dia qualquer.

O ano tinha muitos dias assim para mim. O dia em dezembro em que ele me pediu em casamento. O aniversário dele. O *meu* aniversário. Os fe-

riados, o dia do casamento que nunca aconteceu. Na verdade, a maior parte do calendário era um campo minado de dias difíceis. Um dia chegava, eu sobrevivía a ele, e outro vinha na minha direção, naquele fluxo frequente, até o ano acabar.

Mais um ano sem *ele*.

Por isso, naquele dia, eu tinha planejado me distrair. Fazer a visita ao cemitério e depois ser produtiva. Pintar alguns quadros. Comer algo saudável. Eu tinha me comprometido a não passar o dia dormindo como no ano anterior. Tinha prometido a mim mesma que ia ignorar o fato de que o mês de abril agora tinha cheiro de hospital e me fazia lembrar de pupilas dilatadas e máquinas apitando em ritmos que nunca mudavam.

Olhei mais uma vez para o celular.

Nada.

## 2



## SLOAN

### ▶ affection | BETWEEN FRIENDS

Dez dias. Fazia dez maravilhosos dias, cheios de pelos na colcha, lambeijos pela manhã e rabo abanando, que eu estava com Rango.

Bati à porta da casa de Kristen, rindo de orelha a orelha. Quando ela abriu, ficou um tempo me olhando.

– Você conseguiu.

– Eu disse que ia conseguir – falei, radiante, entrando logo, sem esperar ser convidada.

Rango e o cachorrinho dela, Dublê Mike, começaram a se rodear, balançando o rabo e cheirando o traseiro um do outro.

Ela fechou a porta.

– Você veio andando? São mais de 10 quilômetros, sua louca.

– É, eu sei – respondi. Minhas reparações à luz do dia vinham chocando familiares e amigos. – Preciso usar seu banheiro. Oliver está acordado?

– Não, está tirando uma soneca. – Ela me seguiu pelo corredor. – Meu Deus, você está mesmo amando esse negócio de ter um cachorro, né? O que me lembra: eu fiz uma coisa pra ele.

Ela desapareceu e voltou logo depois com uma camiseta de cachorro que dizia EU MERGULHEI PELO TETO SOLAR DA SLOAN E SÓ GANHEI ESTA CAMISETA.

Soltei uma risada pelo nariz. Kristen tinha uma loja on-line que vendia coisas para cachorros.

Entrei no banheiro, e ela enfiou a camiseta embaixo do braço e se apoiou no batente da porta. Josh não estava em casa, então voltamos imediatamente ao antigo hábito de colegas de apartamento de nunca fechar portas.

– Ele é incrível. Nunca vi um bichinho tão bem treinado – falei. – Alguém deve ter passado um bom tempo se dedicando a isso.

Lavei as mãos e olhei para o meu rosto corado no espelho, colocando alguns fios de cabelo rebeldes atrás da orelha.

– Nada ainda do tal do Jason?

Eu continuava sem nenhuma notícia do dono do Rango, que tinha passado os primeiros dois dias fazendo xixi pela casa, apesar dos antibióticos caros; e eu, dois dias passeando com ele sempre que possível para salvar meus tapetes.

Era milagrosa a motivação que uma poça de xixi de cachorro no seu chão inspirava. Sério. Melhor que um personal trainer. Meu smartwatch nunca tinha visto tanta atividade.

É claro que eu não conseguia pintar nada enquanto passeava com ele. Mas o meu corpo ficou bronzeado pela primeira vez desde sei lá quando, e eu tinha que admitir que era bom me exercitar. Então, mesmo quando ele sarou da infecção, continuamos com os passeios.

Naquele dia, eu estava me sentindo especialmente ambiciosa, então decidi ir andando até a casa da Kristen para fazer uma visita a ela e ao bebê. Imaginei que, se ficasse cansada, podia simplesmente chamar um Uber. Mas nós conseguimos, e a vitória era gloriosa.

– Nem sinal do Jason – respondi.

Eu tinha espalhado cartazes com a foto do Rango no cruzamento onde o encontrei e o tinha registrado em alguns sites de animais de estimação desaparecidos. Fiz até um registro na Sociedade Humana. E todos os dias deixava uma mensagem para Jason. Eu estava começando a achar que Rango havia sido oficialmente abandonado.

*“Entãããã, eu salvei seu cachorro da morte certa e ele me agradeceu entrando pelo teto solar do meu carro que nem uma granada. Me liga pra gente combinar de você vir buscá-lo. Tenho muitas perguntas.”*

*“Oi, Jason. É a Sloan de novo. Seu cachorro está fazendo xixi pela minha casa inteira por causa de uma infecção urinária que ele pe-*

*gou por ficar muito tempo sem sair pra fazer xixi. Seria ótimo se você viesse buscá-lo pra ele poder fazer xixi na sua casa, e não na minha. Obrigada.”*

*“Sloan e Rango aqui. Embora o amor do Rango por comidas caras basicamente faça dele meu irmão gêmeo separado no nascimento, não tenho dinheiro pra continuar alimentando o seu cachorro. Será que você pode retornar as minhas ligações?”*

Segui Kristen até a cozinha e dei a Rango uma tigela de água com alguns cubos de gelo. Em seguida, sentei no balcão de granito e ela me serviu um copo de chá gelado.

– Posso dizer o quanto estou feliz por você estar saindo de casa?

Meu humor murchou em um instante, e seus olhos castanhos me observaram por um tempo.

– Kristen? Você não acha estranho o Rango ter aparecido no dia do aniversário do acidente? Quer dizer, é estranho, né?

Ela esperou que eu continuasse, mexendo o gelo no copo de chá.

– O Rango literalmente caiu no meu colo. E você sabe de que raça ele é? Retriever da Nova Escócia. – Fui batendo a ponta do dedo no balcão a cada sílaba. – Um cão de caça, Kristen. Caçador de patos.

Kristen sabia melhor que ninguém o que aquilo significava. A caça a patos era o esporte favorito do Brandon. Ele ia para a Dakota do Sul todo ano para caçar com Josh.

– E se foi o Brandon que mandou ele pra mim? – falei, um nó se formando em minha garganta.

Ela abriu um sorriso de compaixão.

– Bom, eu acho que o Brandon não ia querer te ver tão triste – disse ela com delicadeza. – Dois anos é muito tempo pra ficar tão triste assim, Sloan.

Assenti e enxuguei o rosto com a camiseta. Com os olhos embaçados, fiquei olhando para o cadeirão à mesa da cozinha. A vida de Kristen era um lembrete doloroso de como a minha deveria ter sido. Se Brandon tivesse sobrevivido e tivéssemos nos casado, como havíamos planejado, eu provavelmente teria um bebê, que levaria para brincar com o filho de 1 ano de Kristen e Josh.

Kristen era minha melhor amiga desde o sexto ano. Nossos mundos se-

guiram a mesma trajetória desde a escola. Fizemos tudo juntas. Os grandes marcos das nossas vidas sempre se alinharam.

Brandon e Josh também eram melhores amigos. Eu imaginava nós quatro viajando e criando os filhos juntos. Comprando casas uma ao lado da outra. E Kristen tinha dado sequência ao plano sem mim. A vida dela seguira seu rumo, e a minha tinha sido destruída junto com a moto do Brandon. Eu estava presa em uma espécie de bloqueio de desenvolvimento, em um looping do qual não conseguia sair.

Até aquele momento.

Algo tinha mudado dentro de mim. Talvez tivesse sido a rotina que Rango me obrigava a manter, as caminhadas ou o sol. Talvez tivesse sido a ideia de que aquele cachorro de alguma forma era um presente do homem que eu tinha perdido, um sinal de que eu devia *tentar*. Sempre acreditei em sinais. Parecia improvável demais que aquilo fosse aleatório. De todos os carros do mundo, Rango correria na frente do meu. Era como se ele tivesse me *escolhido*.

Peguei o celular.

– Isso me lembra que é hora de ligar pro Jason.

A voz firme agora fazia parte da minha rotina diária. Mas, desta vez, quando a ligação caiu na caixa postal, uma voz feminina robótica me informou que a caixa estava cheia.

Um sinal?

Olhei para Kristen, que me observava em silêncio.

Pronto. Eu estava convencida. Mexi no celular e encontrei uma foto minha com Rango de alguns dias antes. Mandei a foto para Jason por mensagem.

– Você tem razão. O Brandon ia querer que eu fosse feliz. E esse tal de Jason, se ele aparecer um dia? Pode ir pro inferno.

### 3



## JASON

### ▶ Middle Of Nowhere | Hot Hot Heat

O avião taxiou em direção ao portão ao som dos cintos de segurança se abrindo. O ar parou de entrar pelas pequenas aberturas acima dos assentos e na mesma hora eu senti calor. Tirei o suéter e puxei a parte da frente da camiseta preta.

Kathy se aproximou e ergueu as sobrancelhas.

– Que cheiro bom – disse ela com aquele sotaque australiano pesado. Em seguida, apalpou o meu braço. – Hummm! Linea, sente o braço dele aí do seu lado, ele é tão musculoso.

Linea estendeu o braço à minha frente para acertar a amiga com uma revista enrolada.

– O cara cede o assento na primeira classe pra um militar e você agradece passando a mão nele... Você devia estar... Uau, ele é musculoso *mesmo!*

Dei risada. Durante as quatro horas de voo da Nova Zelândia até a Austrália, eu tinha sido o recheio do sanduíche Kathy-e-Linea. Ficar espremido no assento do meio valeu o sacrifício. Aquelas duas desconhecidas eram muito engraçadas. Eu tinha me divertido a viagem inteira. Melhor que um bourbon de cortesia e uma toalha quente.

Quando o desembarque começou, eu me levantei para descer as malas de mão das duas.

– Jason – disse Kathy, à minha frente, esperando a mala. – Eu tenho



uma filha solteira. Ela é enfermeira. Ela ia amar esses seus olhos azuis. Está interessado?

– Se ela tiver metade da sua beleza, é muita areia pro meu caminhão-zinho.

Ergui a alça da mala e entreguei a ela, piscando.

– Seu atrevido. Tudo de bom para você – disse ela, se virando e começando a se afastar. – Obrigada pelo autógrafo. Vou entrar no Twitter pra te acompanhar – continuou, por sobre o ombro, saindo do avião atrás de Linea.

Abri um sorriso e peguei a mochila no compartimento superior, depois voltei para a fileira vazia para pegar o celular. Estava sem bateria quando embarquei. Desconectei o carregador portátil e liguei o aparelho pela primeira vez em duas semanas. Teve início uma sinfonia de toques.

*De volta ao mundo real.*

Quinze dias de mochilão. Eu estava com medo de tudo que teria que enfrentar depois de ficar tanto tempo indisponível. Devia ter umas cem mensagens só do meu agente, Ernie.

Digitei a senha e comecei a ouvir os recados, pendurando a mochila no ombro. A caixa postal estava cheia. Eu tinha ouvido quatro mensagens e aguardava na fila que tinha se formado no corredor para descer do avião quando ouvi uma voz de mulher que eu não conhecia.

*“Hum, oi. Eu estou com o Rango... Ele estava correndo solto pela rua na Topanga Canyon Boulevard. Meu nome é Sloan. Meu número é 818-555-7629. Me avisa quando você puder buscá-lo.”*

*Merda.*

Joguei a mochila para a frente para procurar uma caneta. Anotei o número na mão e liguei, fazendo as contas de cabeça. Eram onze da manhã em Melbourne. Seis da tarde em Los Angeles.

*Atende, atende, atende.*

– Alô? – disse uma mulher, depois de três toques.

– Alô, você é a Sloan? Aqui é o Jason. Acho que você está com o meu cachorro. Alguém foi buscá-lo?

A linha ficou em silêncio por um tempo e achei que a ligação tivesse caído. Voltei para o corredor do avião e praticamente empurrei os outros

passageiros para chegar rápido à porta, esperando conseguir um sinal melhor do lado de fora da aeronave.

– Alô? – repeti.

– É, eu ouvi. – A mulher parecia irritada. – Ainda estou com ele.

Retesei a mandíbula. Caramba. *Maldita Monique*.

Parei na ponte de acesso cheia e fui até a parede, segurando o celular com o ombro e me preparando para fazer a anotação na palma da mão.

– Me dá seu endereço. Vou mandar alguém buscá-lo.

– Não.

*Hã?*

– Como é que é?

– Não – repetiu ela.

– Como assim, não? Não, você não vai me deixar buscar o meu cachorro?

– Quer saber? Você é muito cara de pau mesmo. Faz quase duas semanas, e *agora* você decide que quer o cachorro de volta?

Duas semanas? Fazia *duas semanas* que Rango estava perdido?

– Eu estava viajando. Estava sem cobertura de celular. Eu não sabia que ele estava perdido. Posso pagar uma recompensa. Por favor, me dá seu endereço e eu...

– Não. Ele não é mais seu cachorro. Quase foi parar num abrigo, e quem sabe o que teria sido dele. Eu espalhei cartazes, consultei o microchip, divulguei na internet, deixei dezenas de mensagens pra você. Eu fiz a minha parte. Você o abandonou. Então, no que depender de mim, agora ele é *meu* cachorro.

Ela desligou.

Fiquei olhando em choque para o celular. Liguei de novo e caiu direto na caixa postal.

Xingando baixinho, liguei para Monique.

– Você perdeu o Rango? – perguntei, quase rosnando, sem me preocupar em baixar a voz por causa dos passageiros que ainda estavam desembarcando.

– Oi pra você também, Jason.

Ouvi o barulho do salto alto. Eu praticamente vi Monique à minha frente, com um latte desnatado em uma das mãos e aqueles óculos de sol enor-

mes que ela sempre usava, sacolas de compras penduradas nos braços, *sem* procurar pelo meu cachorro.

– Faz duas semanas que o Rango está perdido? Por que você não foi atrás dele? Ou fez uma ligação de emergência pra mim? Que merda é essa, Monique? Você devia estar cuidando dele!

– Eu trabalho, Jason. E eu fui atrás dele, sim. Mais ou menos.

Nesse momento, ouvi um barulho que parecia ser de um vagão do metrô.

– Espera. – A incredulidade correu pelas minhas veias. – Onde é que você está?

Uma pausa longa.

– Nova York – respondeu ela, baixinho.

– Faz quanto tempo que você está em Nova York?

Silêncio, mais uma vez.

– Duas semanas.

Agarrei o celular com tanta força que as minhas juntas ficaram brancas.

– Está tudo acabado. Tudo – falei, sibilando.

– Jason, quando a Givenchy liga, você não diz que não pode participar do ensaio pra *Vogue* porque tem que cuidar do *cachorro* do cara que você tá pegando. Sinto muito, tá? Não...

Desliguei. Eu já tinha ouvido o bastante. Era como se ela tivesse perdido o meu *filho* e corrido para uma porcaria de ensaio fotográfico. Aquilo era imperdoável.

Tentei ligar para Sloan mais uma vez. Caixa postal.

Sem saber o que fazer, fiquei parado no portão de desembarque ouvindo o restante das mensagens enquanto a chuva caía nas janelas que davam para a pista e iam do chão ao teto.

A tal de Sloan não estava brincando. Ela tinha tentado *mesmo* falar comigo. Todos os dias, durante uma semana, ela deixou uma mensagem falando do Rango. Fui ficando cada vez mais irritado conforme as mensagens demonstravam o total descaso de Monique pelo meu cachorro.

Ele estava no meio da rua.

Estava com uma infecção urinária por ter ficado muito tempo sem sair para fazer xixi.

A mulher espalhou cartazes por toda parte, em lugares onde Monique teria visto se tivesse se dado ao trabalho de procurar.

Ele mergulhou pelo teto solar da mulher. Como é que *isso* foi acontecer?

Esfreguei as têmporas. Rango detestava canis. Monique levava jeito com ele, pelo menos na minha frente, e na época eu não tinha ficado preocupado. Ela disse que o levaria para passear quando saísse para correr.

*Idiota, idiota.*

Eu devia ter levado Rango de avião até Minnesota para deixá-lo com a minha família. Fiz merda. Teria sido uma viagem de mais de 3 mil quilômetros, mas pelo menos ele estaria seguro.

Passei a mão no rosto e cocei a barba, cansado. Que merda, o que é que eu ia fazer agora? A mulher tinha roubado o meu cachorro.

Quando terminei de ouvir as mensagens de voz, percorri as mensagens de texto e vi uma do número que tinha anotado na palma da mão. Cliquei, e uma foto do Rango surgiu na tela. *Foi ótimo não te conhecer.*

Na foto, uma mulher estava com o braço em volta do peito do Rango. Não dava para ver seu rosto. A cabeça dele cobria seus lábios. Ela usava óculos escuros e o cabelo estava escondido em um chapéu. Seu braço era coberto de tatuagens do ombro até o cotovelo. Inclinei a cabeça e analisei as tatuagens, dando zoom na imagem. Li o nome Brandon tatuado no braço dela. Então a tela se iluminou com uma chamada recebida. Daquele número. Eu me assustei e me atrapalhei na hora de atender.

– Alô?

– Se você ama o seu cachorro, prove.

– Como é que é?

– Não me sinto bem com a ideia de ficar com o seu cachorro se você o ama *de verdade*. Então, se você o ama, prove.

Pisquei surpreso.

– Tá. E como você sugere que eu faça isso?

– Ele é *seu* cachorro, né? Provar que o ama deve ser fácil.

Minha mente acelerou.

– Tá, espera – falei, tendo uma ideia.

Abri as fotos do meu celular e selecionei várias: Rango e eu na praia, Rango e eu andando de bicicleta. Em seguida, fiz uma captura de tela do papel de parede do celular: Rango, sentado atrás de todos os ícones. Mande as fotos para ela.

– Pronto. Dá uma olhada nas suas mensagens.

Ouvi uns barulhos. Ela ficou em silêncio por mais tempo do que eu sabia que era necessário para ver todas as fotos.

– Olha só – falei, rompendo o silêncio, esperando que ela ouvisse. – Ele é o meu melhor amigo. Ele foi comigo quando eu me mudei de Minnesota pra Los Angeles. Eu deixei o Rango com uma pessoa em quem eu achava que podia confiar. Eu amo o meu cachorro. E quero ele de volta. *Por favor.*

Ela ficou tanto tempo em silêncio que eu achei que a ligação tivesse caído.

– Tá – sussurrou ela.

Soltei um suspiro de alívio.

– Ótimo... obrigado. E eu vou te reembolsar pelo tempo dedicado a ele e pelas contas com o veterinário...

– E pela multa.

– Multa?

– Eu fui multada por parar no meio da Topanga Canyon Boulevard pra colocar o Rango dentro do carro.

Afastei o celular dos lábios e soltei um suspiro de frustração. Não com Sloan, mas com Monique e sua incompetência.

– Tudo bem, sem problema. Olha só, eu agradeço muito por tudo que você fez por ele. Se puder me dar algumas horas pra encontrar um canil, eu...

– Um canil? Por quê?

– Eu estou na Austrália a trabalho e vou ficar mais duas semanas aqui.

– Hum, e quem é que estava cuidando dele?

– Alguém que nunca mais vai fazer isso – respondi, seco.

Pendurei a mochila nos ombros e segui as placas até a alfândega.

– Eu posso ficar com ele até você voltar. Eu trabalho em casa. Não vai ser nenhum incômodo.

Pensei na oferta por um instante. Minha mente viajou até a foto que ela tinha mandado e as mensagens de voz sobre as idas ao veterinário e os passeios. Ela parecia gostar muito dele. Quer dizer, caramba, ela estava pronta para ficar com ele de vez. E ele já tinha passado duas semanas com ela. Ele a conhecia. Seria melhor do que ficar em um canil. E eu não tinha mais a quem recorrer. Além de Monique e Ernie, que não tinha muito jeito com cachorros, eu não conhecia ninguém em Los Angeles o suficiente para fazer um pedido desse.

- Você não se importaria? – perguntei, subindo em uma esteira rolante.
- Não. Eu amo o Rango.

A tristeza na voz dela me fez sorrir. Não que eu sentisse algum prazer na infelicidade de Sloan – eu não era insensível ao fato de que até meia hora antes ela achava que o Rango era dela e agora ia ter que abrir mão dele. Mas era bom saber que a pessoa que estava cuidando do meu cachorro realmente gostava dele.

- Seria ótimo. Eu odeio pensar em colocar o Rango num canil.

– Ele ia ficar arrasado – concordou ela, parecendo um pouco arrasada também.

- Ei, posso retornar daqui a pouco?

Eu tinha passado horas em um avião. Precisava achar um banheiro.

Quando retornei a ligação a caminho da esteira de bagagens, nós dois parecíamos ter nos beneficiado daquele tempinho. A voz dela agora parecia quase tímida. Por um instante, achei que tivesse me reconhecido nas fotos. Ou talvez só estivesse se sentindo mal por ter ficado tão irritada comigo. De qualquer forma, fiquei feliz. Já que ela ia cuidar do Rango para mim, era bom que fôssemos pelo menos cordiais um com o outro.

Por um tempo, falamos sobre um valor pelo serviço de babá de cachorro. Em seguida, passei para outras questões logísticas.

- Me manda seu endereço pra eu te mandar um caixote – falei.

- Um caixote? Por quê?

– Ele dorme num caixote à noite. Se o caixote não estiver perto, ele tem uma tendência a destruir a casa, como você já deve ter percebido.

– Ele não destruiu nada, só o cinto do meu roupão no primeiro dia. E ele dorme comigo, na minha cama.

Eu ri.

– Acho improvável que ele não esteja mastigando seus móveis. É o passatempo favorito dele.

Pernas de cadeiras, o braço do sofá, os batentes das portas... Rango destruía *tudo*.

Encontrei a esteira de bagagens e esperei com os outros passageiros do meu voo enquanto a esteira rodava, vazia.

– Depois do cinto, ele não mastigou mais nada – disse ela. – Ele é um anjo.

– Sério? – perguntei, incrédulo.

Ela soltou uma risada.

– Eu não ia tentar ficar com um cachorro que estivesse destruindo a minha casa.

– Faz sentido. Bom, fico feliz que ele esteja se comportando como um cavalheiro – falei, olhando para o relógio e avistando a primeira mala vindo pela esteira.

O ensaio ia começar dali a duas horas.

– Ainda estou com os arranhões de quando ele mergulhou pelo teto solar. Aliás, foi você que ensinou isso pra ele?

– Hum, não. Ele fez isso mesmo?

– Você acha que eu ia inventar um negócio desses? Espera. – Uma pausa. – Pronto, olha lá. Eu te mandei a multa.

Recebi uma foto no celular. Era uma multa do Departamento de Polícia de Los Angeles com um ímã de chinelo de dedo em cima das informações dela. O policial tinha detalhado toda a cena, incluindo a parte do teto solar.

Balancei a cabeça.

– Inacreditável. Ele nunca fez nada parecido. – O Rango devia estar enlouquecido. – Mas ele tem muita energia mesmo.

– Ele só precisa se exercitar.

Rango devia estar surtando com Monique.

– Tem certeza que não quer o caixote?

– Absoluta. Ele vai dormir comigo enquanto estiver aqui. É uma questão de princípios pra mim. E eu não vou te dar o meu endereço. Vai que você é um stalker.

Bufei.

– Eu não sou nenhum stalker.

– É, bom, isso é exatamente o que um stalker diria.

Percebi que ela estava *sorrindo*.

– Quantos anos você tem? – perguntei. De repente, fiquei curioso.

Foi a vez dela de bufar.

– Bom, *isso* foi desnecessário.

– O quê? Perguntar a sua idade? É a primeira coisa que eu perguntaria se estivesse entrevistando alguém pra cuidar do meu cachorro – argumentei, embora não fosse exatamente esse o motivo do meu interesse.

Eu tinha gostado das mensagens dela. Eram muito engraçadas.

– Bom, isso seria ilegal. Você não pode perguntar a idade da pessoa numa entrevista de emprego.

Abri um sorriso.

– O que é que eu posso perguntar?

– Vamos ver, você pode perguntar qual é minha experiência.

– Você trabalha com RH? Pelo visto tem muito conhecimento sobre como conduzir uma entrevista adequada.

– Viu, *essa* é uma pergunta que você poderia fazer.

*Espertinha.*

– E eu achando que o emprego já era meu – observou ela.

– E é. Por quê? Eu não posso saber um pouco sobre a pessoa que está dormindo com o meu melhor amigo?

Ouvi Sloan bufando e sorri mais uma vez.

– Seu melhor amigo está dormindo com uma jovem inteligente o bastante pra saber que não deve dizer a um desconhecido onde ela mora e quantos anos tem. Por acaso a próxima pergunta que você vai fazer é se eu estou sozinha em casa?

– Está?

– Aí. Você com certeza é stalker.

– Já fui chamado de coisa pior.

– Aposto que já – disse ela. Uma pausa. – Eu moro sozinha.

– Tá. Tem algum outro animal de estimação?

– Não. Que entrevista minuciosa. Tenho a impressão de que você não fez essas perguntas da última vez que contratou uma babá pro seu cachorro – disse ela, sarcástica.

Sorri mais uma vez.

– Estou tentando aprender com os meus muitos erros.

– Eu não tenho nenhum outro bicho. Mas cresci cercada de pastores-alemanês. Esse tipo de cachorro precisa gastar energia. Eles ficam destrutivos se não estiverem cansados. Rango é um cão de caça. Foi criado pra um nível de atividade alto.

Eu sabia disso, claro, mas me impressionou o fato de ela também saber.

– Quer dizer que você está mantendo o Rango ocupado?

Ouvi água corrente e pratos batendo do outro lado da linha. Em seguida,



ouvi Sloan falando com Rango baixinho ao fundo, e meu sorriso se alargou. Ela perguntou se ele era um bom garoto e se queria um petisco. Ele latiu.

– Eu passeio com ele 8 quilômetros por dia – respondeu ela. – Meu bronze está lindo.

– Eu adoraria ver isso. Me manda uma foto.

Eu estava brincando... *mais ou menos*. Queria ver como ela era. Estava curioso.

– E agora você vai receber um processinho. Assediando sexualmente uma funcionária. – Ela soltou um muxoxo. – Você deve ser o pesadelo do departamento de recursos humanos.

– Que nada, eu só sou um incômodo pra mim mesmo.

– Ah, é? O que você faz?

Então ela não me reconheceu. Não era incomum – e era algo que eu vinha me esforçando muito para mudar. Minha mala veio pela esteira. O violão veio algumas bagagens atrás.

– Sou músico.

– Ah, um desses tipinhos de Hollywood. Deve estar em turnê ou gravando a trilha sonora de um filme independente fora do país.

Ela não estava tão enganada assim. Meu Deus, será que eu era clichê a esse ponto?

– Mais ou menos isso. Estou viajando com um grupo. E tem um filme envolvido. Mas não é independente.

O filme era meio importante, na verdade, mas eu não gostava de ficar falando nisso. Embora fosse algo comum em Los Angeles, dar carteirada de famoso fazia com que eu me sentisse um babaca.

Tirei a mala e o violão da esteira. Agora eu estava com as duas mãos ocupadas e segurando o celular no ouvido com o ombro. Eu precisava passar pela alfândega e pegar um Uber até o hotel, ou seja, eu precisava desligar. Mas, em vez disso, fui até o banco que ficava perto da entrada da esteira de bagagens e me sentei, colocando o estojo do violão ao meu lado.

– Humm... – disse ela, parecendo entediada. – Todos são famosos por aqui.

Ela não insistiu para saber mais sobre o filme. Não pareceu interessada. Fiquei um pouco surpreso. Quando conheci Monique, ela só queria saber quem eu era e quem eu conhecia. Pensando bem, não sei se isso mudou

depois. Era revigorante falar com alguém que não estava interessada no que eu podia fazer pela carreira dela. Para falar a verdade, eu estava um pouco cansado de falar sobre isso.

Mudei de assunto.

– E você, o que faz?

– Nada de interessante – respondeu ela de um jeito vago.

– Como é que você sabe que eu não vou achar interessante? Você trabalha em casa e tem tempo pra passear 8 quilômetros todos os dias e resgatar cães perdidos. Eu gostaria de saber o que proporciona um horário tão flexível. Sabe, pra avaliar se o seu estilo de vida é compatível com o de babá de cachorro.

Ela fez um barulhinho que imaginei vir acompanhando de um revirar de olhos.

– Sou artista plástica.

– E como isso não é interessante?

– Não é. O que eu pinto não é interessante.

– Então por que você pinta? Não pode pintar o que quiser?

Apoiei o tornozelo sobre o joelho e me recostei no banco.

O barulho de água corrente ao fundo parou, e ela ficou em silêncio por um tempinho.

– Qual é o endereço do seu site? – perguntei.

Eu tinha quase certeza de que ela não ia responder, mas achei que devia arriscar.

– Eu não tenho site. E, se tivesse, não te diria.

Eu sorri.

– Você é consistente. Eu gosto disso numa babá de cachorro. – Em seguida, olhei para o relógio. – Tenho que ir.

– Tá. Bom... boa viagem, eu acho.

– Sloan? Obrigado. Nem sei dizer o quanto é importante pra mim que você tenha resgatado o Rango e cuidado tão bem dele. E agradeço muito por você cuidar dele até eu voltar.

Ela ficou um tempo em silêncio.

– Obrigada por agradecer – disse ela por fim.

Meus lábios se retorceram em um sorrisinho torto.

– Vou manter contato.

## CONHEÇA OS LIVROS DE ABBY JIMENEZ

Parte do seu mundo

Para sempre seu

Apenas amigos?

Playlist para um final feliz

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,  
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

